



*Grupo Parlamentar*

**CDS - PP**

---

N.º 911-VII

P.º 50.04.02

Data : 11/04/2003

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa Regional;  
Senhores Deputados;  
Senhores membros do Governo;

A poucos meses do fim deste Governo Regional, de pouco servirá vir aqui tecer grandes comentários sobre planos e orçamentos que mais não têm sido do que o exercício anual de uma farsa, em que fazemos de conta que as coisas ainda têm solução.

Não vale a pena. Não contem connosco nessa encenação. Não contem sequer connosco para alterações ou melhorias àquilo que já não tem emenda. De nada serve o remendo novo em pano velho.

Já é tarde para corrigir, ou sequer lamentar. Não vale a pena gastar cera com tão ruins defuntos

Foram rosas que passaram. Primeiro com a euforia do estado de graça, depois com a corrosão de alguma falta de sentido de Estado.

Aliás, a falta de algum sentido de verdade dos vossos documentos já não deixa espaço para que funcione a melhor das boas vontades.

Quantas obras prometidas, quantas obras planeadas, quantas promessas adiadas, ano após ano, sempre com a capa de que a taxa de execução de cada Plano é alta, como se não fosse simples perceber que gastar o dinheiro é fácil. O que não pode continuar a ser tão fácil, o que não queremos que continue a ser tão fácil, é que se continue a gastar tanto dinheiro sem cumprir com tanta anunciada obra. É que foram, nestes 8 anos, 1000 milhões de contos.



*Grupo Parlamentar*

**CDS - PP**

---

Senhor Presidente;  
Senhores Deputados;

Onde está o sentido de verdade? Continua o Governo Regional a afirmar no Orçamento que o valor das transferências do Orçamento de Estado está aquém das suas expectativas. Mas afinal, não foram os senhores que em 2000 escreveram no Plano a médio prazo que as vossas expectativas para as transferências do Estado em 2004 eram de 43 milhões de contos, ou seja, 215 milhões de euros? E porventura também não foram os senhores que no orçamento deste ano anunciaram que as vossas expectativas eram de 231 milhões de euros? E então os senhores nunca ouviram dizer que 231 é mais 16 do que 215? Então que necessidade têm de virem aqui ouvir que este Governo da República vai transferir mais 16 milhões de euros do que aquilo que os senhores aguardavam do amigo Guterres?

Não quero com isto deixar de dizer que sou daqueles que pensam que a nossa terra merece certamente mais. Mas essa é uma questão diferente e que não tem a ver com este ou outro Governo da República. Obviamente que o valor das transferências do Estado sempre esteve e continua a estar aquém da importância que os Açores têm na valorização de Portugal como Nação no contexto atlântico e internacional.

Senhor Presidente;  
Senhores Deputados;

Os Açores são anunciados pelos vendilhões da utopia como o oásis e o exemplo de prosperidade de todo o universo habitado.

Realmente, lá diz o povo, que quem não tem vergonha todo o mundo é seu. Algum dia foi a nossa economia regional exemplo para alguém que viva no mundo civilizado?



*Grupo Parlamentar*

**CDS - PP**

---

Apenas numa coisa, da qual obviamente nos orgulhamos. Na iniciativa, na vontade e na convicção dos açoreanos em vencer as adversidades. Não fossemos nós um povo com 500 anos de história de permanente batalha com as dificuldades que a nossa realidade acarreta. Esta força de vontade é certamente a nossa maior riqueza, que não podemos perder, por muito que os socialistas tenham cultivado o facilitismo e o adormecimento da sociedade civil.

Está hoje demonstrado que este Governo Regional tem alguma dificuldade em acompanhar o dinamismo e a evolução da sociedade açoreana e daqueles que a esta se têm juntado em parceria criando novas fontes de riqueza e de bem estar, milhares de novos postos de trabalho, milhares de novas habitações...

É por isso que, se perguntarmos a um comum cidadão que viva nos principais centros urbanos, se nos últimos tempos o progresso tem chegado à sua terra, a resposta será afirmativa. Mas se perguntarmos porquê, a resposta é rápida e automática: os hotéis, o comércio, novos bairros, novos arruamentos nas principais vilas e cidades, dezenas de novos restaurantes e bares, e, no caso da ilha de S. Miguel, os 4 Km de estrada entre S. Roque e a Atalhada.

E não será que hoje é sobretudo aos privados que se deve a maior parte das obras grandes, das emblemáticas, das que marcam o ritmo do nosso tempo e a diferença do dinamismo dos maiores centros? Este é um governo que tem um discurso estruturado em velhos chavões progressistas, mas que na acção ficou para trás no tempo, nos métodos, no ritmo, no compromisso, e no acompanhamento da sociedade civil.

Quem esteve na inauguração do novo Centro Comercial e ouviu o conteúdo despropositado de um determinado discurso, em que se tentava convencer Belmiro de Azevedo que o referido investimento só foi possível graças à política deste Governo (e não ao capital investido), perante até o sorriso demolidor da assistência, ou seja, de muitos daqueles que são os obreiros desse novo progresso, sabe bem do que falo.

É também esse desmerecimento das nossas instituições regionais que importa reconquistar na simpatia dos açoreanos em nome da própria Autonomia.



*Grupo Parlamentar*

**CDS - PP**

---

Senhor Presidente;  
Senhores Deputados;

Mesmo assim, o PS, num acto de desespero autista, de quem não percebe que está isolado em todas as frentes, diz que está coligado com os açoreanos.

O que gostava de saber é quando é que essa coligação começou? Quando é que os açoreanos se pronunciaram sobre isso? Quem é que disse que sim?

É que o povo não foi com certeza. Então os senhores já se esqueceram do resultado das autárquicas? Então os senhores já não se lembram que nas legislativas 50.000 açoreanos tiveram opinião diferente dos 35.000 que ainda vos apoiavam em 2002?

Aliás, uma coligação é a junção de duas realidades diferentes, com um projecto e um propósito comuns. Se este fosse um governo que integrasse o apoio dos açoreanos, não precisava certamente de se coligar. Se o querem fazer é porque sabem que deixaram de ter o apoio natural dos açoreanos.

Ter essa vontade, para quem está aflito nem sequer é criticável. Criticável é sim dizê-lo, sem a outra parte, os açoreanos, o ter consentido.

A ideia da verdadeira coligação está com tanta força que até o PCP já veio inventar que se ia coligar com as causas justas, esquecendo-se que já pertence à CDU: a mais velha coligação de Portugal.

Senhor Presidente;  
Senhores Deputados;

Mais do que os valores financeiros desperdiçados em todos estes oito anos em que a esquerda governou os Açores, permitam-me que manifeste aqui o meu mais veemente repúdio pela cultura de contra valores, que resultou das novas filosofias partilhadas por esta esquerda que se auto proclama solidária e tolerante.



**Grupo Parlamentar**

**CDS - PP**

---

Não vou aqui falar daquilo a que Ferro Rodrigues diz ser um problema do PS/Açores.

Não faremos com o PS o que este Partido fez com o líder nacional do CDS que, sendo mera testemunha de um processo, foi acusado, trucidado e quase julgado erradamente pelos socialistas na praça pública.

Não responderei nesta matéria com a mesma moeda da tentativa continuada, declarada e fracassada do PS/Açores de me retirar da actividade política. Aliás, triste coincidência o Partido Socialista ter enchido a cidade de Ponta Delgada com cartazes em defesa de desvios sociais, num contexto extemporâneo, e tão a despropósito que já veio agora, só agora, retirá-los.

O que não significa que no campo dos princípios nos sujeitemos a um pretenso muro de silêncio.

Politicamente não está, nem pode estar, em causa esta ou aquela pessoa, essa é uma questão que só à justiça diz respeito, embora Ferro Rodrigues diga que é um problema do PS/Açores.

É tempo de firmeza nas convicções. Quando tudo passa a ser permitido, e até considerado normal no discurso corrente, os desvios passam a ser cada vez mais profundos.

Como publicou a Santa Sé, em 16 de Janeiro deste ano, em nota da Congregação para a Doutrina, os valores da doutrina da Igreja como a defesa da vida humana e a família no seu verdadeiro conceito são “princípios éticos que, pela sua natureza e pelo seu papel de fundamento da vida social, não são negociáveis”. Ou, citando o mesmo documento, a laicidade “não deve gerar a confusão entre justa autonomia da esfera política com a recusa do ensinamento da Igreja” numa forma de “laicismo intolerante”.



*Grupo Parlamentar*

**CDS - PP**

---

Senhor Presidente;  
Senhores deputados;

No meio dos números e das obras, que sociedade queremos nós afinal?

Pensem nisto. Pensem todos nisto, sem excepções.

Senhor Presidente;  
Senhores deputados;

Voltemo-nos a levantar e devolvamos aos açoreanos a esperança no futuro.

Os Açores precisam de uma profunda mudança.

Façamos de 2004 o início de um novo tempo.

Disse.

Horta, 11 de Novembro de 2003

Paulo Domingos de Gusmão